

---

# Medievalismo en Extremadura

Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas  
de la Edad Media

---

Jesús Cañas Murillo  
Fco. Javier Grande Quejigo  
José Roso Díaz (Eds.)

Medievalismo en Extremadura  
Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas  
de la Edad Media



Cáceres  
2009

MEDIEVALISMO en Extremadura : Estudios sobre Literatura y Cultura Hispánicas de la Edad Media / Jesús Cañas Murillo, Fco. Javier Grande Quejigo, José Roso Díaz (Eds.). — Cáceres : Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, 2009

XXII, 1310 pp. ; 17 × 24 cm.

ISBN 978-84-7723-879-9

1. Literatura medieval-historia y crítica. I. Cañas Murillo, Jesús (Ed.). II. Grande Quejigo, Javier (Ed.). III. Roso Díaz, José (Ed.). IV. Título. V. Universidad de Extremadura, Servicio de Publicaciones, ed.

82.09"04/15"

Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra sólo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos, [www.cedro.org](http://www.cedro.org)) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra.



© Jesús Cañas Murillo, Fco. Javier Grande Quejigo y José Roso Díaz, de la edición, 2009

© De los autores, 2009

© Universidad de Extremadura-Grupo "Barrantes Moñino", para esta 1.<sup>a</sup> edición, 2009

Ilustraciones de cubierta: miniaturas de cancioneros del siglo XIII (Biblioteca Vaticana y Biblioteca Nacional de Francia) recogidas en el libro de Martín de Riquer, *Vidas y retratos de trovadores. Textos y miniaturas del siglo XIII*. Barcelona, Círculo de Lectores-Galaxia Gutenberg, 1995.

Edita:

Universidad de Extremadura. Servicio de Publicaciones

Plaza de Caldereros, 2. 10071 Cáceres (España)

Tel. (927) 257 041; Fax (927) 257 046

E-mail: [publicac@unex.es](mailto:publicac@unex.es)

<http://www.unex.es/publicaciones>

I.S.B.N.: 978-84-7723-879-9

Depósito Legal: M-52.674-2009

Impreso en España - *Printed in Spain*

*Impresión:* Dosgraphic, s. l.

# EREMITAS ORIENTAIS NA *LEYENDA DE LOS SANTOS* (BURGOS, 1500) E NO *FLOS SANCTORUM* (LISBOA, 1513)

Cristina Sobral  
*Universidade de Lisboa*

Em 1969, o crítico português Mário Martins apresentava as primeiras hipóteses sobre a produção do legendário castelhano *La Leyenda de los Santos*, impresso por Juan de Burgos em 1500<sup>1</sup>. Constatava então que esta tradução da *Legenda Aurea* sofrera em Espanha diversas adições de santos, quase todos de interesse hispânico, umas na ordem do calendário e outras reunidas num apêndice final de Santos Extravagantes. Este diferente modo de proceder quanto a interpolações levava-o a concluir que as duas operações tinha sido praticadas em momentos diferentes e por sujeitos diferentes: um primeiro teria traduzido a *Legenda* do latim e feito as adições no núcleo central antes de 1487 (data da trasladação das relíquias de S. Vitores de Cerezo e limite *post quem* da adição dos Santos Extravagantes que já a incluía) e o outro, que teria trabalhado posteriormente, poderia ter sido Fr. Gauberte Fabrício de Vagad, cisterciense e cronista aragonês<sup>2</sup>. Numa comparação rápida do legendário de Burgos com o *Flos Sanctorum* português, impresso em Lisboa em 1513, M. Martins concluía que este traduzira aquele, constatando a literalidade da tradução e a comunhão da lista de textos, depois de descontada a nova adição de mais 19 textos portugueses na secção dos Extravagantes. Esta hipótese de tradução directa foi, no entanto, contestada em 1990 por H. Sharrer que, na colação da Vida de S. Eustáquio, encontrou lições separativas que provavam a dependência do *Flos Sanctorum* português de um testemunho anterior da *Leyenda*, com lições mais fiéis ao texto latino. Assim se provava, por um lado, que o incunábulo de Burgos sofrera pequenas reelaborações redaccionais, cuja autoria poderia hipoteticamente atribuir-se ao próprio impressor, e, por outro lado, que existira uma *Leyenda* anterior à de 1500, por esta copiada e que poderia talvez ser a perda de Fradique de Basileia de 1493<sup>3</sup>.

Em 2006, Baños Vallejo<sup>4</sup> confirma esta conclusão, depois da colação do texto da Vida de S. Vitores de 1500 e da sua fonte, o incunábulo de Fradique de Basileia de 1487, e os testemunhos posteriores da *Leyenda*<sup>5</sup>, que apresentam por vezes lições mais

<sup>1</sup> Martins, 1969.

<sup>2</sup> Pela sua naturalidade saragoçana, em harmonia com a data da adição dos Extravagantes, com o destaque dado a Saragoça na Vida de S. Engrácia e com o facto de ser o autor explícito do prólogo (Martins, 1969: 261-267).

<sup>3</sup> Sharrer, 1990: 189.

<sup>4</sup> Baños Vallejo, 2006.

<sup>5</sup> Destes testemunhos, o mais antigo depois de 1500 data de 1520. É anterior o *Flos Sanctorum* português, cuja Vida de S. Vitores confirma as conclusões de Baños, apresentando frequentemente lições melhores do que as de 1500.

fiéis ao texto de 1487. Abandona assim uma proposta anterior<sup>6</sup> em que defendera a primazia de Juan de Burgos como responsável pela integração do mártir de Cerezo na *Leyenda* castelhana.

Proponho-me, nesta comunicação, contribuir para o debate trazendo à colação o testemunho do *Flos Sanctorum* de Lisboa, a partir de um *corpus* de narrativas eremíticas orientais.

A edição crítica de G. P. Maggioni da *Legenda Aurea*<sup>7</sup>, que fixa o seu *corpus*<sup>8</sup>, mostra que o arcebispo de Génova colheu das *Vitae Patrum* doze vidas de eremitas orientais. Destes, a *Leyenda* eliminou seis mas acrescentou outros quatro textos, um interpolado no núcleo central e três incluídos nos Extravagantes. Por sua vez, o *Flos Sanctorum* de Lisboa eliminou mais um texto do núcleo central e outro dos Extravagantes, como se pode observar no quadro seguinte:

Legenda Aurea (L)			Leyenda, Burgos, 1500 (B)		Flos Sanctorum, Lisboa, 1513 (F)		
Texto		Cap.	Texto	Fl.	Texto	Fl.	
Núcleocent.	1	António	21	António	33 v-34 v	António	26 r-26 v
	2	Paulo	15	Paulo	[30]-33 v	Paulo	23 v-26 r
	3	Maria Egipcíaca	54	Maria Egipcíaca	74 v-75 r	Maria Egipcíaca	56 v-57 v
	4	Pelágia	146	Pelágia	192 v-193 r	Pelágia	148 v-149 r
	5	Taís	148	Taís	136 r-136 v		
	6	João	172	João	232 v-236 r	João	179v-182 v
	7	Macário	18				
	8	Paula	29				
	9	Pastor	171				
	10	Moisés	173				
	11	Arsénio	174				
	12	Agatão	175				
	13			Hilarião	205 r-207 v	Hilarião	159 r-161 r
Extravagantes	1			Onofre	283 v-286 c	Onofre	[218]-221 r
	2			Heleno	[287]-288 v	Heleno	222 r-222 v
	3			Cidade de Oxirrinco	288 v		

<sup>6</sup> Baños Vallejo, 2005: 341-353.

<sup>7</sup> Iacopo da Varazze, 2000.

<sup>8</sup> Fleith (1991) obtém, trabalhando separadamente, o mesmo *corpus* que Maggioni fixa.

Dos textos comuns à *Legenda Aurea*, porém, nem todos dependem dela. Apenas as três vidas de pecadoras, Maria Egipcíaca, Pelágia e Taís, revelam traduzi-la, com a liberdade característica das traduções medievais mas sem variantes que obriguem a postular o recurso a outras fontes. A Vida de António de Tebas também provém da *Legenda Aurea*, uma vez que apresenta os mesmos cortes de selecção abreviadora da longa narrativa, traduzida por Evágrio do texto de S. Atanásio e incluída nas *Vitae Patrum*, e traduz os mesmos passos de cariz apotegmático que Iacopo de Varazze recolheu das *Vitae Patrum* (livros III e V). O texto, no entanto, sofreu contaminações. Na *Legenda* não está o passo inicial que contém a filiação e a infância do santo, presente nas *Vitae Patrum*, na *Leyenda* e no *Flos Sanctorum*. Isto mostra que o tradutor castelhano, aceitando embora a versão voragiana, completou-a no início, recorrendo para isso a um testemunho da colectânea eremítica, que traduziu de perto:

VP	B	F
Antonius nobilibus religiosisque parentibus natus, in Ægypto oriundus fuit, tanta suorum nutritus cura, ut nihil aliud praeter parentes domumque cognosceret. Et cum jam puer esset, non se litteris erudiri, non ineptis infantium jungi passus est fabulis; sed Dei desiderio flagrans, secundum quod scriptum est innocenter habitabat domi. Ad ecclesiam quoque cum parentibus saepe conveniens, nes infantum lascivias, nec puerorum negligentiam sectabatur (PL 73, col. 127)	Fue sant anton natural de egipto: e fue su padre de muy alto linaje: e su madre esso mismo fue dueña de buen linaje. E el moco fue de grand religiõ: e hera guardado e criado muy vicioso e cõ gran honrra: e no conocia sino a su padre e a su madre: e a los hõbres de casa. E quando era pequeño nunca fue ãseñado cõ otros niõos: ni de fablar mal mas siẽpre entẽdia en otras obras: e estaua siempre en casa: e nunca fazia segun otros moços de su hedad (33d)	Sancto antõ foy natural de egypto. e foy seu pay de muy alta linhagẽ, e sua may esso mesmo foy dona de boa linhagẽ. E o moço foy de grande religiõ. e era guardado e criado muy viçoso. e cõ grãde hõrra. e nõ conheçia outrem senõ seu pay e sua may e hos homẽs de casa. E quãdo era pequeno nõca foy emsinado como outros mininos nõ ha fallar mal: mas sempre entẽdia em outras obras. e estaua sempre em casa: e nõca fazia segũdo outros moços de sua hydade (26a-b)

Mais adiante, temos nova interpolação, desta vez de uma fonte diferente, certamente tardia, uma vez que dá o santo como «fijo del rey de Egipto», baptiza-lhe a irmã com o curioso nome de «molestia» e contém elementos de provável origem «popular», como a insistência no número três:

B	F
E el auia vna hermana que deziã <u>molestia</u> : e dio le <u>trezientos pies de oliuares</u> e fizo vn monesterio en que puso cinco mill mõjes. E el desanparo le e fuese para los mõtes de gelboe cõ dos mõjes vestidos de cilicio. E como el fue en los motes luego reuerdecierõ.	E tinha hũa jrmaã que chamauã <u>molestia</u> . e deu lhe <u>trezêtos pees de olliueras</u> : e fez huũ moesteyro em que pos cinco mil mõjes: e leyxou os e foy se pera os mõtes de gelboe. cõ dous mõjes vestidos de cilicio E como foy nos motes logo reuerdeçerõ. E hũs pastores

E vnos pastores que enellos andauan com sus ganados dixerõ al ãperador como por aquellos montes ãdauan três ombres sãtos. E el ãperador enuio les tres camellos cargados: el vno de pane el outro de vino: e el outro de carne: e el no quiso tomar dello sino muy poco. Este bienaventurado sant ãtõ fue filjo del rey de Egipto. E tornarõ se aquellos dos monjes al monasterio e sãt anton fue por el yermo adelãte fasta que fallo a sant pablo el primer hermitaño que fue. En poco de tienpo fino aquel hermitaño. e sant anton rogo a dios que le ãbiasse ayuda para le enterrar. E luego vinieron dos leones que cauaron la fuessa: e ayudaron a sant antõ a lo enterrar. (34a)

que ã elles ãdauã cõ seus gaados disserõ no ao emperador como por aquellos motes ãdauã três homẽs sanctos: e o emperador mãdoulhes três camellos carregados. hũ de pã: e outro de vinho: e outro de carne: e elle nõ quis tomar delles senõ muy pouco. E este bẽaventurado sancto antõ foy filho del rey de Egipto: e tornarõ se aquellos dous mõjes ao moesteyro. e sancto antõ foy pollo hermo adiãte atee que achou a sam Paulo ho primeiro hirmitaão que foy E dy a pouco tempo finou se aquelle jrmitaã: e sancto antõ rogou a deos que lhe mãdasse ajuda pera o emterrar e logo vierõ dous liões que cauarõ a coua e o ajudarõ a enterrar. (26b-c)

Esperaríamos que este inciso tivesse sido feito no início do texto, logo depois da infância, a cuja sequência cronológica pertence, e não depois de o santo já ter vivido diversas tentações no deserto. Esperaríamos igualmente que o reelaborador do texto que acrescenta a filiação tivesse conciliado mais habilmente estas duas fontes, no que ao pai de António diz respeito, a menos que as duas interpolações tenham sido feitas por diferentes sujeitos, hipótese que deixo em aberto. Em qualquer caso, é notória a tendência para atenuar o efeito sintetizador da redacção voragiana. O mesmo critério terá certamente presidido à decisão de eliminar as demasiado abreviadas seis vidas da *Legenda* e de substituir as Vidas de Paulo e de João por versões traduzidas directamente das *Vitae Patrum*. No caso de Paulo, mesmo praticando uma inevitável *abbreviatio*, a versão dos legendários ibéricos é mais completa do que a voragiana, incluindo, por exemplo, o prólogo (que se perdeu, em B, com o fl. 30), toda a narrativa anterior à partida para o deserto, a descoberta e descrição da gruta dos moedeiros e os primeiros tempos de isolamento, matérias ausentes da *Legenda*. Alguns erros conjuntivos e lições características, em passos ausentes de L, provam a dependência de B e F de um mesmo texto traduzido das *Vitae Patrum*<sup>9</sup>:

- 1) VP – Hunc locum Ægyptiorum litteræ ferunt (21)  
 B – E auia ay letras escriptas enel lenguaje de egipto que deziã (31b)  
 F – E hauya hy letras scriptas em lingoajẽ de egypto que diziam (24b)
- 2) VP – Cibum et vestimentum ei palma præbebat (21)  
 B – e lo que auia de comer era fruta de pomas o mãcanas: e de palmas fazia su vestidura (31b)  
 F – e o que auia de comer era fructa de pomas ou maçaãs: e de palmas fazia sua vestidura (24b)

<sup>9</sup> Cito as colunas da edição de Migne, *Patrologia Latina*, vol. 23.

- 3) VP – Iesum testor et sanctos angelos ejus (21)  
 B – yo jeronimo vos digo e juro por dios e por sus euangelios (31 b)  
 F – eu jheronimo vos digo e vos juro por deos e por seus euãgelhos (24 b)
  
- 4) VP – in ea eremi parte quæ iuxta Syriam (21-22)  
 B – yermo de feria (31 b)  
 F – hermo de feria (24 b)
  
- 5) VP – caricis (22)  
 B – bocados (31 b)  
 F – bocados (24 b)
  
- 6) VP – et pallium quod tibi Athanasius episcopus dedit (26)  
 B – la vestidura que te dio el obispo cantenensis (32 c)  
 F – a vestidura que te deu ho bispo catenêsis (25b)

O caso da vida de João é ainda mais notório. L contém uma pequena narrativa de tipo apotegmático, colhida do livro V das *Vitae Patrum* e dos *Verba Seniorum* (livro III das *Vitae Patrum*). A *Leyenda* antecedente dos legendários de Burgos e de Lisboa também rejeitou este curto texto, substituindo-o pela vida de João do Egipto da *Historia Monachorum* de Rufino de Aquileia, compilada no primeiro livro das *Vitae Patrum* (PL 21, cols. 391-405). A fonte é, aliás declarada:

- B – Este enxêplo e otros se fallã en la vida de este glorioso juan. segũ mas largamête se cõtiene enel libro vitas patrum: luego en la primera vida del dicho libro. (236 a)
- F – Este glorioso johã segũdo mais largamête se contem no liuro vitas patrum logo na primeira vida do dicto liuro. (182 b)

A tradução denota literalidade mas não foge à *abbreviatio*, omitindo largos passos: todo o episódio da esposa de Teodósio (cols. 392-94), o final do último exemplo narrado por João e todo o resto da narrativa (final da col. 402 mais as cols. 403-405). Também a Vida de Hilarião, acrescentada no núcleo central, procede da mesma fonte. Apesar de a antiga edição da *Legenda* de Graesse, feita a partir de um testemunho tardio e já impresso, conter uma Vida de Hilarião, sabemos hoje que ela não pertencia ao *corpus* voragiano. Ainda que assim não fosse, não poderia ter sido esta a versão traduzida, uma vez que se trata de uma versão mais reduzida, incapaz de fornecer o texto dos legendários ibéricos, apesar das inovações praticadas, com deslocação de passos, e da inevitável abreviação, com omissão de quatro milagres e de tudo o que é posterior à primeira série de milagres, como as viagens da personagem pelo ocidente e em Chipre.

Aos Extravagantes pertencem as vidas de Onofre e Heleno e a narrativa sobre a cidade de Oxirinco (esta última ausente de F). Os três textos pertencem à *Historia Monachorum* de Rufino e foram directamente copiados da *Vida de los Santos religiosos de Egipto*, de Gonçalo Garcia de Santa Maria, impressa em Saragoça, por Paulo Hurus, em 1490/91 (G), como se pode comprovar:

	G	B	F
Onofre	... encomêdo me a dios e de mi apartado fue se a su morada: e acostumbraua cadanyo visitar me: e com que jndustria: e puridad viuir deuia con las diujnas scripturas no cessaua amonestar me: e viniêdo vna vez a mi segun su costÛbre en comêçando me de saludar cayo en suelo: e fenecio sus dias... (95 b)	... encomêdo me a dios. e de mi apartado fue se a su morada: e acostÛbraua cada año visitar me e com que industria e puridad viuir deuia: con las diujnas escripturas no cesaua amonestar me: e viniêdo vna vez a mi segÛ su costÛbre en comêçãdo me de saludar cayo ã suelo e fenescio sus dias... (285 a)	... emcomendou me a deos: e de my apartado foy se a sua morada. e acostumaua cada ano visitar me e cõ que ãdustria e puridade viuer deuia. cõ as diujnas escripturas nõ cessaua amoestar me e vijndo hÛa vez a my segÛdo seu costume en começado me de saluar cayo no chão e fineceo seus dias. (220 a)
Heleno	Contando nos estas: e otras cosas muchas dela vida: e cõuersaciones delos santos religiosos el padre copre: e adoctrinando nos con toda affection: despues de la fabla puso nos en el huerto mostrãdo nos los arboles de palmas: e otras frutas que hauia plãtado e dezia la fe de los villanos me ha fecho plantar esto en el yermo. Ca despues que les vi tener tanta fe que cogiendo la arena de baxo de nuestros vestidos la sembrauan por sus campos: e la tierra steril tornauan abundosa dix e entre mj: verguença es que menos fe tengamos que aquellos cuya fe por nos ha sido a dios presentada. (17 a)	Cõtãdo nos estas: e otras cosas muchas de la vida e cõuersaciones de los santos religiosos. e adoctrinando nos con toda affection. Despues de la fabla puso nos en el huerto mostrando nos arboles de palmas: e otras frutas que auia plantado: e dezia la fee de los villanos me ha fecho plãtar esto en el yermo Ca despues que les vi tener tãta fee que cogiêdo la arena debaxo de nuestros vestidos la sembrauã por sus cãpos: e la tierra esteril tornaua abÛdosa dix e entre mi: verguẽca es que menos fee tẽgamos que aquellos cuya fee por nos ha sido a dios presentado. (288b-c)	Contando nos estas e outras cousas muytas da vida e cõuersações dos sanctos religiosos o padre cobre. e doctrinãdo nos com toda affeyçõ. depois da fala pos nos ao orto mostrãdo nos aruores de palmas e outras fructas que plantara: e dizia a fe dos villãos me fez plãtar esto no hermo Ca depois que lhes vy teer tãta fe que apanhãdo a area debayxo de nossos vestidos a semeauã por seus campos. e a terra sterel tornaua avõdosa disse antre my vergonha he que menos fe tenhamos que aquellos por cuja fe por nos apresentada he a deos. (222 d)
Cidade de Oxirinco	Venimos a vna ciudad de thebas llamada oxirinco: en que fallamos tantos bienes de religion que ninguno a los cõtar bastaria: ca vimos la dêtro e de fuera toda cercada e llena de monges: e si algunas casas publicas en ella fueron: e tẽplos de la antigua: e vana religion: agora eran moradas de mõges: e por toda la ciudad muchos mas monesterios que casas parecian. (9 d)	Uenimos a vna cibdad de thebas llamada oxirinco: en que fallamos tantos bienes de religion que ninguno a los contar bastaria: ca vimosla dentro: e de fuera toda cercada: e llena de monjes: e si algunas casas publicas en ella fuerõ: e tẽplos de la antigua: e vana religion: agora erã moradas de mõjes: e por toda la cibdad muchos mas monesterios que casas pareciã. (288 c)	

Deste incunábulo conhece-se, na Península Ibérica, apenas um exemplar, guardado no Arquivo Distrital de Leiria<sup>10</sup>. A comparação com o *facsimile* publicado por Vindel e com a descrição dos elementos tipográficos feita por Haebler permite confirmar sem dúvidas a sua identificação. Trata-se de um exemplar que pertenceu à livreria da rainha D. Leonor, como se lê numa nota em letra do séc. XVI no fl. II<sup>11</sup>. Deste jurista aragonês conhece-se obra desde 1482 mas a sua produção situa-se sobretudo no período de 1491-1500<sup>12</sup>. Da sua associação com Paulo Hurus resultou mais do que a impressão da tradução das *Vitae Patrum*. O impressor alemão também imprimiu, em 1485, a sua tradução da obra atribuída a Guilherme Parisiense *Postilla super epistolas et evangelia* (que em castelhano tomou o título *Evangelios y Epistolas*), em 1494 ou 1495 *El Caton*, os *Cuatro novísimos* e *Delas diez cuerdas de la vanidad del mundo e*, em 1494, os *Fori aragonum abbreviati*<sup>13</sup>. Na *Vida de los Santos de Egipto*, a tradução apresenta uma literalidade que a afasta das traduções medievais<sup>14</sup>.

Apesar de o compilador castelhano copiar, com pequenas variantes, a sua Vida de S. Onofre (truncada em F, devido à falta dos fls. 218-219), decidiu não aceitar o episódio da tumulação do santo pelo monge Panúncio na versão ali apresentada e fielmente traduzida das *Vitae Patrum*. Em sua substituição, contamina a narrativa com um outro texto que, à imitação das biografias de Paulo de Tebas e de Maria Egípcíaca, conta o desespero do discípulo que não encontra instrumento para cavar a sepultura e que é providencialmente auxiliado por dois leões. Este pequeno relato associado à Vida de Onofre aparece pela primeira vez na obra do italiano Pedro Natali, bispo de Equilio († 1400/1406), autor de um legendário impresso postumamente, em Vicenza, em 1493, mas que circulou antes em manuscrito e depois em diversas reedições<sup>15</sup>. É muito possível que tivesse sido esta a fonte do compilador castelhano, apesar de a sua narrativa amplificar significativamente o pequeno excerto latino:

<sup>10</sup> Haebler (1003: 335[5]) noticia um exemplar que conheceu na livreria particular de Ludwig Rosenthal, de Munique. Por sua vez, Vindel não conheceu directamente nenhum exemplar, reproduz a descrição de Haebler e sugere que se trata do mesmo exemplar que se conserva na Sociedade Hispânica de Nova York (Vindel, 1945-51: IV, n° 44, 136), de que apresenta dois fólhos em *facsimile* (Vindel, 1945-51: VIII, 232-234). Foi do Hospital das Caldas da Rainha que veio o exemplar de Leiria em 28 de Junho de 1918, para ser guardado no Arquivo Regional de Leiria. Agradeço ao Dr. Acácio de Sousa, director do Arquivo, as diligências que me permitiram fotografar o incunábulo e fazer aqui a citação dos passos pertinentes.

<sup>11</sup> «Este liuro he da casa da m<sup>a</sup> de deos nã se pode dar a nhũa pessoa por *que* a Rainha dona leonor cuiio foy ouue hũa escumunhã pera todos os liuros que deixou ha esta lclasa *que* forã muitos asi de latim como...». É assim possível rectificar a identificação feita por I. Cepeda do n°43 (*Vitas Patrum en romance*) do inventário dos livros de D. Leonor (Cepeda, 1987: 51-53) com a impressão de Jorge Coci (Saragoça, 1511).

<sup>12</sup> *Bibliografia*, 1941: 230.

<sup>13</sup> *Bibliografia*, 1941: 230.

<sup>14</sup> Apesar das suas declarações no prólogo («E por que en los traslados stan los que scriuen mas a peligro de ser mal tractados por los maldizientes: *que* en otras obras *qualesquier que* escriuan: yo he *querido* enel traslado presente seguir lo *que* dixo euagrío en *aquel* breuezito prologo *que* faze enla vida de sant antonio: en no curar de seguir del todo el pie dela letra: mas abraçar me cõ el seso de ella»), que devem ser lidas mais como uma alegação de *auctoritas* para defesa contra os maldizentes, cuja existência, aliás, é já característica de um certo ambiente humanista: Gonçalo Garcia afirma-se como um espírito atento à modernidade: «Ca en qualquier lengua del mundo lo muy antiguo de ella es tan aspero: e rudo: que se deue el hombre de la tal antigüidad quanto puede guardar».

<sup>15</sup> Petrus de Natalibus, 1493. Cf. Elliot, 1987: 55 e sgs.

Cumque abbas fossorium ad sepulchrum parandum non haberet: duo leones subito aduenientes: et corpus proni adorantes: terram instar tumuli unguibus effoderunt. Pannutius uero corpus sancti capa sua inuolutum sepeliuit. Leonibus quoque mox abeuntibus palma cum sancti cellula insimul corruerunt. Pannutius uero dum fleret ab angelo confortatus in egyptum reuersus est. (liv. 5, cap. 106, sem foliação)

Os textos sobre Heleno (truncado em B, devido à perda do fl. 287) e sobre a cidade de Oxirincos seguem com raras variantes a *Vida de los Santos de Egipto*. O facto de termos nela, seguramente, o modelo copiado pela *Leyenda*, permite-nos colacioná-la com o *Flos Sanctorum*, de modo a podermos tirar conclusões estemáticas. Um razoável grupo de variantes mostra com evidência que o legendário português apresenta melhores lições do que o castelhano:

*Vida de S. Onofre*

G – tanto que *muchas vezes* apenas podia ressollar (95 b)

B – tanto que a penas podia resollar (285 b)

F – tanto que *muytas vezes* escassamête podia refollegar (220 a)

G – quantos mōges fazem vida spiritual en el yermo *participan* de tal gozo (95 c)

B – quantos mōjes fazê vida spiritual enel yermo *participãte* de tal gozo (285 c)

F – quantos monges fazê vida spiritual no hermo *participam* de tal gozo (220 b)

G – tus fermosas palabras *mas dulces que la miel* (95 d)

B – tus fermosas palabras (285 c)

F – tuas fermosas pallauras *mais doços que o mel* (220 b)

G – fasta que juntos con *pura* caridad comamos (95 d)

B – fasta que jũtos cõ caridad comamos (285 c)

F – atee que juntos com *pura* carydade comamos (220 b)

G – sobraron algunos *mẽdrugos* (96 d)

B – sobro algũ *pã* (285 d)

F – sobejarom alguũs *pedaços* (220 c)

G – Entonce el *respuso* (93[bis]a)

B – Entonce el *dixo* asi (285 c)

F – *Respondeo* elle (220 c)

G – cõ la ayuda de dios *cumplira* (93[bis]b)

B – cõ la ayuda de dios *cumplire* (286 a)

F – cõ ajuda de deos *se cõprira* (220d)

G – e guardẽ te los angeles de *nuestro señor* dios (93[bis]b)

B – e guardẽ te los angeles de dios (286 a)

F – e guardem te os anjos de *nosso senhor* deos (220 d)

G – leuanto se: e *derramando* lagrimas (93[bis]b)

B – leuãto se: e *derramo* lagrimas (286 a)

F – leuanto se e *derramando* lagrimas (220 d)

G – echaua gemidos: *e manaron de mi como rios de lagrimas*: e abüdarō los llätos (93[bis]b)

B – echaua gemidos: e abundarō los llätos (286b)

F – deitaua gemidos: *e manarō de my como ryos de lagrimas*: e hauondarom os prantos (220 d)

*Vida de Santo Heleno*

G – llamādo con gran voz *mādo* ala bestia que viniessse (16 c)

B – llamādo cō grād boz *mādādo* ala bestia que viniessse (288 a)

F – chamādo cō grāde voz *mādou* aa besta que viesse (222 b)

G – Mas despues de *descaualgado en tierra* dixo a la bestia (16 d)

B – Mas despues de *apeado mandole pasase por los otros e pasados todos* dixo ala bestia (288 a)

F – Mas despois de *descaualgar em terra* dissese aa besta (222c)

G – otro de sanya *otro* de codicia (16 d)

B – otro de saña: *o* de cobdibcia (288 a)

F – outro de sanha: *outro* de cobijça (222 c)

G – *el viejo* entōçe consolando (16 d-17 a)

B – *el ãtōçe* cōsolādo (288 b)

F – *ho velho* emtō consolando o (222 c)

G – Contando nos estas e otras cosas... *el padre copre* (17 a)

B – Cõtādo nos estas e otras cosas... (288 b)

F – Contando nos estas e outras cousas ... *o padre cobre* (222d)

G – ha sido a dios *presentada* (17 a)

B – ha sido a dios *presentado* (288c)

F – *apresentada* he a deos (222d)

Também nas narrativas acrescentadas ou substituídas com recurso às *Vitae Patrum*, encontramos lições de F melhores do que as de B:

*Vida de S. Paulo*<sup>16</sup>

VP – Stupens itaque Antonius, et de eo quod viderat *secum volvens, ulterius progreditur*. Nec mora, inter saxosam convallem haud grandem homunculum videt (23)

B – e penso *que* podria ser *aquello que* via entre dos peñas vn ombre pequeno (31 c)

F – e cuydou *que* poderia seer *aquello que* assy vyra *E emtã ãdou muyto: e vyo* ãtre duas penas huñ homẽ pequeno (24 c)

VP – Incubos (23)

B – entubos (31 d)

F – emcubos (24 c)

<sup>16</sup> Cito as colunas da edição de Migne, *Patrologia Latina*, vol. 23.

VP – putridis *senectute* membrīs (25)

B – todos sus miembros son flacos: e cõpañados de *vileza* (32 b)

F – todos seus mēbros som fracos: e acõpañados de *vilhiçe* (25 a)

*Vida de S. João*<sup>17</sup>

VP – Septem fuimus simul *comitantes* (394)

B – Siete *mācebos* fuymos (232 d)

F – Sete *companheyros* fomos (180 a)

VP – et *corporis* curam geri (394)

B – las cosas necesarias que auiamos menester (233 a)

F – as cousas necessareas que auiamos mester *pera* *nossos corpos* (180b)

VP – et ipse vero sui negligens, nostri sollicitus erat (395)

B – e el que *predicaua* asi muy poco *predicaua* a nos mucho (233 a)

F – e elle *prezaua* a ssy muy pouco e a nos *prezaua* muyto (180b)

VP – ut *exempla* vitae hominibus (395)

B – cuya *fazaña* (233 b)

F – cujos *emxēpros* (180 b)

VP – Hanc autem intuens animi praesumptionem *tentator*, continuo accedit, et *laqueos parat* (399)

B – E estando el eneste pensamiēto vino a el el *enemigo* (234 c)

F – E estado em este pēsamēto veo a elle o *tentador e armou lhe os laços* (181c)

VP – gravius a semetipso decipitur *quam fuerat a daemonibus deceptus* (399)

B – tuuo se por escarnido e por vencido (235 a)

F – teue se por escarnecido e vencido e *quanto mays aquellas diaboos o escarneciã* (181d)

VP – Fui quidem *vir* (400)

B – Un *mōje* fue (235 a)

F – Huũ *homẽ* foy (181d)

VP – qui in eremo hac, *quae prae caeteris interior est*, habitabat (401)

B – que moraua eneste yermo (235 c)

F – que moraua em este hermo *mais que os outros* (182 b)

VP – adinstar Angelorum incorporaе vitae fungeretur officis, et *judicans annum caelestem in deserto ei, qui caelestem Regem per vigilibus praestolabatur excubiis* (401)

B – mas semejaua su vida de angel: que de ombre (235 c)

F – mais semelhaua sua vida de anjo que de homẽ. E *lançaua se a auer manjar do çeo daquela a que seruia*

<sup>17</sup> Cito as columnas da edição de Migne, *Patrologia Latina*, vol. 21.

*Vida de S. Hilarião*<sup>18</sup>

VP – quantum illa patiebatur aetas, magna ingenii et morum documenta praebuit, in brevi carus omnibus et loquendi arte gnarus (2,2)

B – y fue amado de todas las gentes en su niñez (205 c)

F – foy de boõ ingenho: como quer que era minino falaua sesudamente e foy muy amado de todallas gêtes em sua mininiçe (159 b)

VP – *Quodque his maius est omnibus*, credens in Dominum Iesum (2,3)

B – y creya en jhesu christo (205c)

F – e cria em jhesu christo *que era melhor cousa* (159b)

VP – contempsit mortem ut mortem evaderet (2,8)

B – no ouo ... ni pauor *dela* muerte (205d)

F – nõ ouue ... nem pauor da morte de que lhe falauã em tal *que* ho espantassem da vida *perdurauel* (159c)

VP – ut *cibum* potius quam lasciviam cogites (3,4)

B – que antes pensaras en *virtudes*: que en fazer otras voluntades de luxúria (205 d)

F – que ante pensaras em *comeres* que em fazer outras vontades de luxúria (159 d)

VP – *prima* irrumpere ausa est (7,1)

B – vino a el (206 b)

F – veo a elle... *primeiramente* (160 a)

VP – et nihil tale suspicanti, repente genibus eius advoluta (7,1)

B – [*ausente*] (206 b)

F – E aquella molher veo a sam ylario e deixou se cayr a seus pees: e elle nõ se cataua daquello (160 a)

VP – catenis et *funibus* (10,2)

B – com fuertes cadenas (206c)

F – com muy fortes cadeas e *cõ cordes* (160b)

VP – apprehensoque crine ante pedes adduxit (10, 8)

B – e sãt ylario (206c)

F – E sancto ylario o tomou pollos cabellos: e o deitou aos pees (160c)

VP – et tamen *apertis oculis* loquebatur (32,4)

B – y dezia (207 c)

F – e *abria os olhos* e dizia (161 a)

Conclui-se, assim, que a *Leyenda* de Burgos e o *Flos Sanctorum* de Lisboa dependem de uma *Leyenda* anterior que já incluía as vidas interpoladas ou substituídas no núcleo central, traduzidas das *Vitae Patrum* segundo a tradição medieval de tradução não literal, e também as vidas dos Extravagantes copiadas de Gonçalo Garcia. As variantes apresentadas pela primeira em lugares onde a segunda se mostra mais fiel

<sup>18</sup> Cito as cláusulas da edição de Bastiaensen e Smit, *Vite dei santi*, 1993.

vêm confirmar que ela foi sujeita a pequenas reformulações redaccionais que poderão dever-se, como sugeriu Sharrer, ao próprio impressor Juan de Burgos.

Podemos perguntar porque é que, tendo o compilador castelhano recorrido com certeza a Gonçalo Garcia para dele copiar três textos não teria usado a mesma fonte para substituir as versões de Paulo e João e para acrescentar Hilarião, como a diversidade de redacção mostra que não aconteceu. A explicação parece óbvia: não foi a mesma pessoa que fez as duas intervenções. *De facto*, não se compreenderia que nuns casos copiasse textualmente Gonçalo Garcia e noutros se desse ao trabalho de refazer profundamente o texto, de modo que nenhuma proximidade textual sobrevivesse. O segundo refundidor da *Leyenda* dispôs ainda, provavelmente, de um testemunho do *Catalogus* de Pedro de Natali, que traduziu muito livremente, amplificando, ou de uma legenda de Onofre derivada do legendário do bispo equiliano. O primeiro refundidor trabalhou provavelmente apenas no núcleo central enquanto o segundo adicionou os Extravagantes, como dissera, já em 1969, M. Martins. Quanto à sua proposta de atribuição dos Extravagantes a Fr. Gauberte, ela encontra nesta análise novos argumentos, uma vez que, ao saragoçano cisterciense, cuja *Crónica de Aragão* foi impressa em 1499 por Paulo Hurus, teria sido muito fácil dispor da tradução de Gonçalo Garcia, dada à estampa pelo mesmo impressor. Fr. Gauberte e Gonçalo Garcia pertenciam ao círculo de intelectuais reunidos em torno do Arcebispo de Saragoça Alonso de Aragão que recorreram à oficina de Hurus (estabelecida em Saragoça por influência de Gonçalo Garcia) para a divulgação das suas obras e o primeiro conhecia sem dúvida a obra do segundo, visto que o cita como autoridade<sup>19</sup>. Também não teria sido difícil a Fr. Gauberte obter o *Catalogus* de Pedro Natali, uma vez que mantinha contactos com a Itália, onde esteve em 1459<sup>20</sup>.

No plano das conjecturas, não posso deixar de propor outro dado para reflexão: a possibilidade de ter sido Paulo Hurus que, em data posterior a 1490/91, imprimiu a perdida *Leyenda de los Santos* de que dependem as seguintes, castelhanas e portuguesas. Nada impediria que Fradique de Basileia, conhecido por imitar os trabalhos de Hurus<sup>21</sup>, tivesse impresso, em 1493, a sua, hoje também desaparecida, *Leyenda*. Poderia também ter sido ele o intermediário entre o exemplar de Hurus e a oficina do alemão Valentim Fernandes em Lisboa, na qual o seu compatriota Hermão de Campos imprimiu o *Flos Sanctorum*<sup>22</sup>.

Significativo é o facto, julgo que demonstrado, de o estudo da origem e difusão da vernaculização do legendário de Iacopo de Varazze na Península Ibérica não poder fazer-se em âmbito estritamente nacional, uma vez que a época em apreço é de alargada

<sup>19</sup> Lisón Tolosana, 1984: 95-136, especialmente 96-102.

<sup>20</sup> Lisón Tolosana, 1984: 102.

<sup>21</sup> Hurus «Como editor y librero, sostuvo grandes relaciones con tipógrafos de otras ciudades, muy en particular con Juan Rosembach, en Barcelona, y Fradique de Basileia en Burgos (...) Con Fradique de Basileia, en Burgos, non sólo encontramos igualdad en las tipografías y en algunas capitales con las de Hurus, sino que aquele reeditaba las obras de éste y copiaba exactamente los grabados que las ilustraban...» (Vindel, 1945-1951: vol. iv, p. xxxv, v. também vol. vii, p. xxii).

<sup>22</sup> O material tipográfico de Fernandes e Fradique apresenta semelhanças que indiciam possíveis contactos entre os dois: a marca de impressor do primeiro é inspirada na do segundo e usam o mesmo alfabeto fitomórfico de grandes dimensões (Sobral, 2000: 11).

difusão ibérica de tradições hagiográficas, facilitada por uma nova e importante rede de circulação: a dos impressores alemães estabelecidos na Península. É provavelmente à eficácia desta rede que se deve a impressão em Lisboa do segundo mais antigo representante conservado da família da *Leyenda de los Santos*: o *Flos Sanctorum* de 1513.

## BIBLIOGRAFIA

- Baños Vallejo, F.: «San Vitores en otro incunable (II): Edición de Juan de Burgos (1499)», *Archivum*, LIV-LV, 2004-2005, pp. 395-419.
- : «San Vitores en otro incunable: texto e imagen», en *Actes del X Congrès Internacional de l'Associació Hispànica de Literatura Medieval*, edició a cura de Rafael Alemany, Josep Lluís Martos e Josep Miquel Manzanaro, Alacant, Institut Interuniversitari de Filologia Valenciana, vol. I, 2005, pp. 341-353.
- Bibliografia Geral Portuguesa. I: século XV*, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa-Imprensa Nacional, 1941.
- Catálogo de Incunábulo da Biblioteca Nacional*, introdução, organização e índices por Maria Valentina Sul Mendes, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1988.
- Cepeda, I.: «Os livros da rainha D. Leonor», *Revista da Biblioteca Nacional*, série 2, vol. 2, 1987, pp. 51-81.
- Elliot, A. G.: *Roads to Paradise. Reading the Lives of the Early Saints*, Hanover and London, University Press of New England-Brown University Press, 1987.
- Fleith, B.: *Studien zur Überlieferungsgeschichte der lateinische Legenda Aurea*, Bruxelles, Société des Bollandistes, 1991.
- Iacopo da Varazze: *Legenda Aurea*, edizione critica a cura di Giovanni Paolo Maggioni, seconda edizione rivista dall'autore, Sismel, Edizioni del Galluzzo, 2000.
- Jerónimo, Santo: *Vita di Ilarione: Vite dei santi. III: Vita di Martino. Vita di Ilarione. In Memoria di Paola*, 3ª ed., a cura di Christinne Mohrmann, texto critico e commento a cura di A. A. R. Bastiaensen e Jan W. Smit, traduzioni di Luca Canali e Claudio Moreschini, Milano, Arnaldo Mondadori, 1993.
- Haebler, K.: *Bibliografia Ibérica del siglo XV: enumeración de todos los libros impresos en España y Portugal hasta el año de 1500*, La Haya-Leipzig, Martinus Jijhoff-Karl W. Hiersemann, 1903.
- Lisón Tolosana, C.: «Vagad o la identidad aragonesa en el siglo XV (antropología social e historia)», *Reis. Revista española de investigaciones sociológicas*, 25, 1984, pp. 95-136.
- Martins, M.: «O original em castelhano do *Flos Sanctorum* de 1513», en *Estudos de Cultura Medieval*, Lisboa, Verbo, vol. I, 1969, pp. 255-267.
- Migne, J.-P.: *Patrologiae cursus completus omnium SS. Patrum, Doctorum scriptorumque ecclesiasticorum, sive latinorum, sive graecorum. Series Latina*, Turnholti, Typographi Brepols editores pontificiis, 1958-1974.
- Petrus de Natalibus: *Catalogus Sanctorum et gestorum eorum*, Vicenza, Enrico di Ca'Zeno, 1493.
- Sharrer, H.: «The life of St. Eustace in *Ho Flos sanctorum em lingoagem portugues* (Lisbon, 1513)», en *Saints and their authors: Studies in Medieval Hispanic Hagiography in honour of John K. Walsh*, edited by J. E. Connolly, A. Deyermomf, B. Dutton, Madison, 1990, pp. 182-196.
- Sobral, C.: *Adições portuguesas no Flos Sanctorum de 1513*, tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, 2000.
- Vindel, F.: *El arte tipográfico en España durante el siglo XVI*, Madrid, Min. de Asuntos Exteriores-Relaciones Culturales, 1945-1951.